

A existência como projeto vital em Ortega y Gasset

RESUMO

Este artigo apresenta a visão de existência em Ortega y Gasset. No autor, é possível perceber uma efetiva contribuição à concepção de existência. Para ele, o homem, ao passar a existir, partilha de uma determinada forma de viver e de pensar num dado momento histórico. Em seu livro *Meditación de la técnica*, Ortega apresenta a vida humana como radical a cada um e construída por pura escolha. Ao decidir viver, o homem vai adaptando a realidade a si, construindo pela imaginação realidades distintas das que estão postas. Isso somente é possível porque ele pode por alguns instantes ensimesmar-se, ou seja, manter contato direto com sua interioridade. Contudo, o homem está envolvido pelas suas circunstâncias as quais lhe afetam constantemente. Para o autor, quando a vida humana fica atrelada ao mundo circunstancial perde seu caráter radical, deixa de ser do indivíduo e passa a ser da coletividade.

Palavras-chave: Ortega y Gasset; Existência; Vida humana; Ensimesmamento.

ABSTRACT

This article presents the conception of existence of Ortega y Gasset. He admits that a person's way of living can be properly understood only in the historical horizon in which he or she is embedded. In addition to this, it will show that Ortega y Gasset, in his book *Meditación de la técnica*, associated the authenticity of human existence with the capability of individuals of being lost in themselves and making choices without being primarily motivated by the circumstances that affect them. It is presumed here that to understand this is essential to grasp the idea proposed by Ortega y Gasset that, subsumed to collectivity, humans beings are not authentic.

Key words: Ortega y Gasset; Existence; Human life; Self-Absorption.

* Mestrando em Filosofia, Universidade Federal do Ceará.

Ortega y Gasset aborda em seus escritos reflexões sobre a existência humana evidenciando a singularidade própria de cada pessoa. Existir, portanto, é viver num mundo circunstancial que afeta constantemente o homem em sua individualidade.

Mesmo divergindo em vários pontos do pensamento existencialista, Ortega vê na idéia de existência uma contribuição relevante para se pensar a vida humana. O homem ao ser lançado na existência, partilha com os outros de um determinado contexto histórico e no contato com os outros vai elaborar o sentido de sua existência, segundo Ortega, o “[...] homem não tem outro remédio senão fazer alguma coisa para manter-se na existência.”¹

Existir significa, então, assumir a vida enquanto tarefa que implica numa escolha. O fato de continuar existindo significa uma opção pela vida. Portanto, escreve Ortega:

Essa vida que nos é dada, nos é dada vazia e o homem tem que ir preenchendo-a, ocupando-a. São isso nossas ocupações. Isto não acontece com a pedra, a planta, o animal. A eles é dado seu ser prefixado e pronto. Mas ao homem lhe é dada a necessidade de ter que estar fazendo sempre algo, sob pena de sucumbir, mas não lhe é, de antemão e de uma vez para sempre, presente o que tem que fazer.²

Ortega faz uma reflexão nesta perspectiva ao exemplificar em sua conferência *“El hombre y la gente”* o fatalismo da liberdade ao indivíduo que está prestes a ser fuzilado. Mesmo estando numa situação limite, ele pode aceitá-la ou contestá-la, cabe a ele ficar ou fugir, mesmo correndo o risco quase certo da morte, mas nem mesmo esta possibilidade é fechada, pois como afirma Cioran “só vivo porque posso morrer quando eu quiser”.

Partindo da idéia do homem como condição de possibilidade, Ortega destaca como ponto central de sua reflexão a vida humana, e essa enquanto projeto pessoal e intransferível. A vida é a vida de cada um, por mais que eu participe do sofrimento do outro demonstrando compadecimento, esse sofrimento é sentido

por ele, é dele.

Neste sentido, para compreender o humano é preciso ter claro dois conceitos que foram desenvolvidos por Ortega: O ensimesmamento e a alteração, ou seja, a autenticidade e inautenticidade da vida humana.

Em seu livro *“Meditación de la Técnica”*, Ortega desenvolve a idéia de ensimesmamento a partir do surgimento da técnica, que nada mais é do que uma tentativa de fuga da sua condição existencial de vazio ontológico, pois para ele, o homem tem horror ao vazio, por isso cria e recria constantemente a realidade, modificando-a através da técnica. Agir tecnicamente significa modificar o mundo circunstancial para suprir e superar as necessidades básicas da existência. A técnica representa para o homem

A reação enérgica contra a natureza ou circunstância que leva a criar entre esta e o homem uma nova natureza posta sobre aquela, uma sobrenatureza... A técnica é a reforma dessa natureza que nos faz necessitados e carentes, reforma em sentido tal que as necessidades ficam se possível anuladas por deixar de ser problema sua satisfação.³

O homem forçosamente inventou a técnica para garantir sua sobrevivência, agindo sobre a natureza, transformando-a, adaptando-a a si, facilitando sua presença no mundo através da reação de situações de bem estar favoráveis aos seus desejos vitais, ultrapassando as necessidades biológicas num contínuo processo de evolução e aprimoramento, passando de uma ação direta sobre o meio para uma ação indireta, como na tecnologia onde o mais que o homem pode fazer é acionar os objetos tecnológicos.

O fato de a vida humana ser um *“que fazer”*, implica que o homem reage às condições que naturalmente lhes são totalmente desfavoráveis. Recordando a mitologia grega referente à origem do mundo, o homem ao ser feito por Epimeteu, foi o único dos seres criados que ficou sem habilidades naturais para sobreviver, carecendo do fogo dos deuses trazido por Pro-

¹ ORTEGA Y GASSET, J. História como um sistema, in Obras Completas, vol VI, *Revista de Occidente*, Madrid, 1955. 982, p.27

² ORTEGA Y GASSET, J. *El hombre y la gente*. Madrid: Revista de Occidente, 1959. p. 50.

³ ORTEGA Y GASSET, J. *Meditación de la técnica*. Madrid: Espasa-Calpe, 1965, p. 21-22.

meteu para criar a própria vida com seu esforço e presteza.

Entra aqui o aspecto central da realidade humana que é a liberdade. Por não ter um ser determinado, o homem tem o privilégio e a obrigação de escolher seu próprio ser, então, “[...] está condenado, queira ou não, a ser livre, a ser por sua própria conta e risco. [...]”⁴

Também a liberdade aparece ao homem pelo estranhamento que ele tem para com a realidade exterior que é totalmente diferente de si e dos seus anseios. Não encontrando nenhuma identificação, ao invés de abrir mão do existir, o homem decide por conta própria inventar a sua vida, superando a condição natural de indeterminação.

É a capacidade que o homem tem de entrar em contato consigo que o possibilita construir sua existência, diferenciando-se de todos os outros seres da natureza.

No ensimesmamento o homem não exercita somente sua inteligência. Ele vai além do pensar, através do uso da imaginação, a qual lhe permite ver-se diferente do que é e a elaborar um projeto para si. É a própria vida que se faz neste momento, totalmente permeada de imagens, situações que o próprio homem constrói, no desejo de construir a si mesmo e ao seu mundo, pois “se o homem não tivesse o mecanismo psicológico de imaginar ele não seria homem.”⁵ Através da imaginação, ele pode ver a realidade diferente do que ela é, e assim, transformá-la e adaptá-la aos seus desejos. A imaginação é fundamental neste processo, uma vez que assim, a vida pode ser entendida enquanto projeto.

O que era trágico torna-se uma tarefa jovial e esportiva, através da qual o homem, em vista de sua existência, que é desejo de ser, descobre o mundo das significações e do sentido, garantindo desta forma a sua realização que acontece numa dimensão histórica, pois para Ortega, o homem é filho da sua história e agente dela, e é na radical solidão que ele é a sua verdade. A solidão aparece em Ortega como momento de extrema produtividade humana. Porém, não significa que a simples atitude de criar idéias através do conhecimento se traduza automaticamente em autenticidade. É

necessário buscar o conhecimento de forma a refletir, através dele, sobre a vida humana, adotando determinadas idéias das quais esteja convencido delas para a sua vida, e que a vida seja conduzida por essas mesmas idéias. Por isso a autenticidade é algo buscado constantemente, onde as pessoas optam por razões favoráveis à própria vida.

Quando o homem perde esse contato consigo, ele perde a si mesmo. A vida fica descharacterizada, comparável à vida dos outros seres presentes na natureza, que reproduzem regras pré-estabelecidas, considerando-as imutáveis e absolutas, fechando, dessa forma, a possibilidade de pensar a vida em sua radicalidade e autenticidade.

Assim sendo, a vida ganha a dimensão de inautêntica. É uma vida alterada pelas próprias circunstâncias. Isto se torna possível porque o homem não vive fechado em sua subjetividade, mas está constantemente em relação com ela, por isso “eu sou eu e minhas circunstâncias”.

Ortega usa o termo “*alteración*” que coincide com “*atropello*”. Neste sentido as coisas acontecem de uma forma em que as pessoas não param para refletir sobre suas próprias ações, acabam se anulando e abrindo mão do seu projeto de vida. Destarte, Ortega chama a atenção para o radical latino “*alter*” significando o outro que radicalmente não sou eu. Assim, uma vida inautêntica é aquela que vive a vida do outro, fora de si e incapaz de pensar e assumir a vida e enquanto sua. Sente, pensa, faz condicionada a algo que é exterior a si.

Viver sem ter em vista a separação entre a individualidade própria de cada um e as circunstâncias, é viver a partir dos outros, o que para Ortega, significa viver de ilusões. Quando o indivíduo não é capaz de reconhecer a sua individualidade e a dos outros, quando ele passa a viver fora de si, perde por completo o sentido da responsabilidade pessoal com a própria vida, pois a vida é a de cada um, é cada qual que tem que fazê-la na sua solidão, pois nela está sua verdade, enquanto na sociedade se é “mera convencionalidade e falsificação.” (Id.Ibid., p. 136).

⁴ ORTEGA Y GASSET, J. *El hombre y la gente*. Madrid: Revista de occidente, 1959. p. 51

⁵ ORTEGA Y GASSET, J. *Em torno a Galileu*. Tradução Luiz Felipe Alves Esteves. Petrópolis: Vozes. 1989. p. 47

Vale dizer que esta questão está relacionada a um problema posto pela modernidade a partir da instrumentalização da razão na busca de meios racionais de dominação, não só da natureza, como também do próprio homem, favorecendo a um problema discutido por Ortega que é a sociedade de massa, em que os indivíduos perdem o exercício da liberdade e comportam-se como máquinas que apenas reproduzem o que é dito por um pequeno grupo, encarando a vida como algo hermético.

Refletir sobre a existência partindo de uma perspectiva orteguiana leva à revisão dos modelos antropológicos que são postos socialmente como fundamentais para a vida humana. É preciso saber que modelo de razão conduz os projetos de existência e que ideologias são passadas e absorvidas pelos indivíduos que, cada vez mais, são vitimados pelos instrumentos massificadores e destruidores da opinião própria.

A proposta de Ortega é que seja instaurado um modelo de razão que pense a vida entendida como uma trajetória com razões constantes das escolhas fundadas no compro-

metimento com a liberdade individual e a singularidade de cada um.

Referências Bibliográficas

ORTEGA Y GASSET, J. *Meditación de la técnica*. Madrid: Espasa – Calpe, 1965.

_____. *El hombre y la gente*. Madrid: Revista de Occidente, 1980.

_____. *La rebelión de las masas*. Madrid: Revista de Occidente, 1959

_____. *Em torno a Galileu*. Tradução Luiz Felipe Alves Esteves. Petrópolis: Vozes, 1989.

_____. *História como um sistema*. Tradução Juan A. Sobrinho e Elizabeth Hanna Côrtes Costa. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1984.

KUJAWSKI, Gilberto de melo. *Ortega y Gasset – a aventura da razão*. São Paulo: Editora Moderna, 1994.

CARVALHO, José Maurício de. *Introdução à Filosofia da razão vital e Ortega y Gasset*. Londrina: Edições Cefi, 2002.